

O Campo da ética e a comunicação como potências para a inclusão na extensão universitária ¹

Resumo

O trabalho reflete, sob a ótica da ética comunicacional, em tempos de riscos climáticos, que ações podemos pensar, além dos alertas para os riscos a partir das novas tecnologias. A partir da noção de comunicação de proximidade, como incluir todas as pessoas nas soluções pensadas em situações de calamidade pública, como a enfrentada pelo Rio Grande do Sul, em abril/maio de 2024? Tendo como base a pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005; Gil, 2010) e a análise documental (Moreira, 2005), inspirados em Martino e Marques (2019), Esteves (2003) e Vazquez (2017). Na perspectiva da potência da ética e da comunicação, refletimos, a partir de projetos de pesquisa e extensão, sobre a criação de canais e espaços democráticos em situações de crise. Como reflexões finais, salientamos a necessidade de pensar condições igualitárias de uso e de acesso das tecnologias.

Carlise Porto Schneider RUDNICKI²

Phillipp Dias Gripp³

Pedro Henrique Silva dos SANTOS⁴

Palavras-chave: Ética; Inclusão; Comunicação; Mudanças Climáticas; Extensão Universitária.

¹ Trabalho apresentado na Sessão Temática Ética, comunicação e riscos nas relações organizacionais, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Pós-Doutorado em Comunicação (PPGCOM/UFRGS), Mestre e Doutora em Desenvolvimento (PGDR/UFRGS), Professora Adjunta na Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. E-mail: carlise.rudnicki@ufsm.br.

³ Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM, UFSM). Bolsista FAPERGS/CNPq de pós-doutorado pelo POSCOM/UFSM. E-mail: phidgripp@gmail.com.

⁴ Relações Públicas (FACOS/UFSM) e mestrando pelo POSCOM/UFSM. Email: pedro.santos@acad.ufsm.br.

Contextos da comunicação de proximidade e ética em situações de risco

O trabalho reflete, sob a ótica da ética comunicacional, em tempos de riscos climáticos, que ações podemos pensar, além dos alertas para os riscos a partir das novas tecnologias. Em situações de calamidade pública, como a enfrentada pelo Rio Grande do Sul, em abril/maio de 2024, políticas públicas governamentais e ações da sociedade civil surgem para atender às populações afetadas. Sob o ponto de vista da comunicação, que ações podemos pensar, além dos alertas para os riscos a partir das novas tecnologias? E como incluir todas as pessoas nas soluções pensadas? Ao pensarmos ações que pretendem mobilizar as pessoas, é necessário levar em conta que a ética na comunicação colabora para a construção de reputação e credibilidade, conforme salienta Esteves (2003). Martino e Marques (2019) trazem o diálogo como parte do relacional, “[...] não o meio para chegar na alteridade” (Martino e Marques, 2019, p. 22). Ponderamos, então, sobre as possibilidades do campo da ética na comunicação organizacional em tempos de inteligência artificial e fluidez. Se, conforme Peruzzolo, a comunicação se refere a um encontro possível, Bauman (2021) nos instiga a dramatizar tal potência no mundo líquido. Constatamos que as organizações apresentam uma preocupação com a questão da oratória, ainda voltada à noção de persuasão. Durante as oficinas ministradas nos projetos, entendemos que, de forma geral, a comunicação ainda é pensada como um espaço desprovido de conflitos e de participação ativa dos usuários.

A ideia de ética envolve os dilemas que cercam nosso cotidiano, envolvendo problemas morais e problemas éticos (Vázquez, 2017), tratando-se de questões práticas nas relações, o que envolve sempre o coletivo, e não a pessoa, apenas. Entretanto, diferente dos problemas prático-morais, “[...] os éticos são caracterizados pela sua generalidade”(Vázquez, 2017, p. 17). Como investigação, o campo da ética instiga a abordagem científica dos problemas morais, conforme o autor. A partir de uma pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005), apontamos estudos que envolvem as temáticas da comunicação, do risco e da crise climática em projetos de pesquisa e

extensão no portal da Universidade Federal de Santa Maria. Desse modo, salientamos as realidades e os desafios de uma comunicação para todas as pessoas no decurso dos seus debates é extremamente importante porque permite que outros indivíduos vejam as situações a partir da sua perspectiva, o que aumenta a empatia, a compreensão e promove o exercício de lugares de fala em conjunto às lutas de outrem. Campanhas de sensibilização e programas educativos podem desconstruir estigmas e fornecer informações precisas. importa destacar que a estratégia enunciativa dos lugares de fala apresenta uma ambivalência política e discursiva, conforme tratado por Gripp e Silveira (2021), o que sustenta a viabilidade de sujeitos falarem sobre seus próprios lugares ou sobre lugares aos quais não estão adscritos identitariamente em conjunto a outrem.

Diante disso, ressaltamos a necessidade de conexão da comunicação com ações interdisciplinares de pesquisa e extensão, como o projeto de pesquisa “Territórios conectados pela sororidade: questões de gênero, TICs e fortalecimento de laços em espaços periféricos” (FAPERGS/CNPq 07/2022), o qual tem realizado ações em parceria com o projeto de extensão “Comunicação de proximidade: memória, resiliência e adaptação social a riscos climáticos e catástrofes naturais na Quarta Colônia”³, que reconhece as diretrizes para a extensão universitária, nomeadamente a de atuar reconhecendo o potencial comunicativo da interação dialógica, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Como pesquisadores, pretendemos articular a comunicação com as medidas da mudança do clima nas políticas, estratégias e planejamento. Segundo (2006) a comunicação envolve um compromisso ético com o outro. Para isso, a ideia é mobilizar, através das discussões com as comunidades, a organização de um sistema de alerta e defesa civil. Através da abordagem da comunicação para o desenvolvimento, reconhecemos a importância de incrementar a noção de comunicação de proximidade.

Serra (2006) se refere à comunicação de proximidade como uma forma de comunicação que vai além da simples transmissão de mensagens, enfatizando a

³ Apresentado e aprovado no Edital PROEXT-PG UFSM 01/2024.

relação entre os interlocutores. Considera-se que a comunicação não deve ser vista como um ato técnico de circulação de informações, mas como um fenômeno ético e relacional. Essa abordagem propõe que a proximidade entre os envolvidos seja entendida não apenas em termos físicos ou tecnológicos, mas principalmente em termos de reconhecimento do outro como interlocutor legítimo.

Reflexões finais

A ética na comunicação organizacional deve ser vista como um agente de promoção da inclusão e não apenas como um código de conduta regulatório. Mas como a área de relações públicas têm atuado nestes espaços e temáticas? Em momentos de crise, a inteligência artificial e a digitalização dos processos comunicacionais impõem desafios que exigem uma abordagem mais consciente e responsável, para garantir que a comunicação seja um instrumento de equidade e acessibilidade, combatendo a difusão de desinformação e discursos de ódio. Os projetos apresentados demonstram que a comunicação pode ser um vetor de transformação social, fortalecendo laços comunitários e promovendo o acesso à informação de forma democrática, além de possibilitar a integração de princípios éticos à prática comunicativa, promovendo a diversidade e a acessibilidade. No entanto, é essencial que organizações, instituições acadêmicas e formuladores de políticas públicas colaborem na criação de diretrizes e regulamentações que garantam uma comunicação ética e inclusiva.

O avanço das tecnologias exige um compromisso contínuo com a governança da informação e a mitigação de vieses algorítmicos, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e representadas. Dessa forma, a comunicação organizacional pode evoluir para além de suas funções tradicionais, tornando-se uma ferramenta estratégica para a construção de sociedades mais justas, informadas e inclusivas. Assim, a responsabilidade das organizações não se limita à transmissão de mensagens, mas também à garantia de que essa comunicação seja inclusiva e respeitosa. A proximidade não significa fusão ou anulação das

diferenças, mas o respeito pela alteridade e a abertura para o diálogo. Nesse sentido, a comunicação de proximidade pode ser vista como um processo que prioriza o encontro, a escuta e o reconhecimento mútuo, elementos essenciais para uma comunicação verdadeiramente significativa.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2021.

GRIPP, P. D. SILVEIRA. A. C. M. A ambivalência discursiva e representacional dos lugares de fala. **Raled**. Vol. 21 (1), 2021.

ESTEVES, João Pissara. **Ética da Comunicação e os Media Modernos**: Legitimidade e Poder nas Sociedades Complexas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, Ângela C. S. A comunicação como ética da alteridade: pensando o conceito com Lévinas. **Intercom** - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 42, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3450>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SERRA, P. Proximidade e Comunicação. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**, Lab-Com/UBI, 2006. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-proximidade-comunicacao.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2025.

STUMPF, I. R. C. (2005). Pesquisa bibliográfica. In A. Barros; J. Duarte (Orgs.), Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas.p. 51-61.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.